

**Ficção futurista, revolução, instituição: duas encenações itinerantes no Oi Futuro, Rio de Janeiro.**

Nanci de Freitas

Instituto de Artes - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Professora adjunta.

Doutora em Poéticas do Teatro pela UNIRIO.

Pesquisadora.

Reflexão sobre duas encenações itinerantes realizadas nos espaços do Oi Futuro - Flamengo, Rio de Janeiro: *Memória Afetiva de um amor esquecido*, de Ivan Sugahara, de 2008, baseada no filme *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*, de Charlie Kaufman, e *Mistério-Bufo*, de Maiakovski, direção de Fábio Ferreira e Cláudio Baltar, de 2010. Ivan Sugahara apropriou-se dos dispositivos da instituição para abordar um enredo ficcional sobre o uso de recursos tecnológicos no apagamento das memórias dolorosas de um dos personagens da trama. Fábio Ferreira utilizou os espaços do Oi Futuro e do Instituto dos Arquitetos do Brasil, criando meios técnicos próprios de encenação. O texto discute as aproximações entre arte, revolução e multimídia e suas relações com o âmbito institucional.

Palavras-chave: teatro contemporâneo, arte e instituição, encenação itinerante.

Um olhar atento para o modo de organização atual do sistema de arte, no Brasil, nos dá a percepção de que a produção cênica em companhias e coletivos que trabalham com teatro experimental, pesquisa de linguagem ou a chamada cena contemporânea, se sustenta, basicamente, com o patrocínio das grandes empresas, públicas ou privadas. O surgimento do Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, nos anos oitenta, abriu um espaço de lazer e convivência em torno da difusão de uma gama de produções artísticas de diversas áreas. Neste esteio, seguiriam outros projetos de patrocínio cultural, como os do SESC e Oi Futuro, nos quais o teatro experimental encontraria algumas condições de desenvolvimento e de exibição. O Oi Futuro, no Bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, surgiu em 2005 e já faz história no circuito de arte da cidade por apostar em criações que se movem nas fronteiras de diversas linguagens e na fusão entre arte e tecnologia. No campo do teatro, inusitadas experiências foram ali realizadas, a partir desse perfil.

A encenação de *Memória afetiva de um amor esquecido*, realizada em 2008 pela companhia Os dezechilibrados, sob a direção de Ivan Sugahara, foi uma das mais bem sucedidas, ocupando o prédio inteiro. Contando com a Prof<sup>a</sup> Rosyane Trotta na dramaturgia, a encenação foi inspirada no filme *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* (direção de Michel Gondry e roteiro de Charlie Kaufman), um enredo de ficção científica que aborda o uso de recursos tecnológicos no apagamento das lembranças dolorosas de um dos personagens da trama. Atuando com referências conceituais em torno da memória e da subjetividade contemporânea, a encenação discute questões do controle social e mental a que estamos sujeitos num mundo que dita padrões de consumo e de sucesso. O casal que

protagoniza a estória (os atores Cristina Flores e Saulo Rodrigues) se debate entre a chance de viver o frenesi das novas experiências e do prazer efêmero, colocados à disposição pela sociedade moderna, e o desejo de viver o amor sem ansiedade, sofrimento e perda da liberdade individual.

No espetáculo, Ivan Sugahara investiga a teatralização de procedimentos do cinema, recursos de edição e movimento de câmera, como ele diz, em texto do programa da peça: “com o deslocamento pelo espaço, não apenas horizontal, mas também vertical, o espectador pode experimentar diferenciados pontos de vista das cenas: de cima, de baixo, de lado. De modo análogo, o deslocamento do olhar do espectador ao andar pelo espaço é assemelhado a um *travelling* cinematográfico”.

Além do diálogo com a arquitetura do edifício e suas peculiaridades futurísticas, com escadas transparentes e elevador panorâmico, construídos com materiais como vidro e ferro, a encenação se apropria de dispositivos tecnológicos do espaço. No foyer, nos deparamos com a projeção da imagem da atriz Letícia Isnard, como uma sedutora garota propaganda que enaltece os benefícios da *Be happy corporation*, instituição que promete o acesso a uma vida plena, sem frustrações emocionais. Somos recebidos por um médico e sua assistente (os atores José Karini e Ângela Câmara), que nos convidam a entrar no mundo da *Be happy*, propondo a seguinte interação: “quando dissermos oi futuro, vocês devem repetir: tchau passado!”.

Acompanhando a vertigem amorosa do casal, a arquitetura do edifício nos envolve como um templo futurista. Na subida, entre duas escadas, há um painel retangular, dividido em pequenos nichos onde são expostos diversos aparelhos telefônicos, dos exemplares de épocas remotas aos atuais. Frases de grandes profetas do futuro se movimentam na luminosidade do painel, sacralizando as invenções da ciência e da comunicação. A atriz/assistente da *Be happy* é emoldurada num dos compartimentos, vestida de branco como uma sacerdotisa, a anunciar o admirável mundo novo. Do café do 8º andar, podemos assistir, num telão, imagens das regiões do cérebro responsáveis pelas sensações e sentimentos. O desfecho se dá no teatro, no 7º andar, onde é ambientada a sala de procedimentos científicos da clínica.

Em 2010, Fábio Ferreira e Cláudio Baltar realizaram, no prédio do Oi Futuro, uma encenação de *Mistério-Bufo* (a partir da peça de Maiakovski), concebida também de modo itinerante. Pode-se dizer que a montagem dialoga com a experiência de *Os dezequilibrados*, já que Rosyane Trotta colaborou na dramaturgia das duas criações e Fábio Ferreira atuou em um dos vídeos, na encenação de Ivan Sugahara. Em minha experiência de espectadora, foi impossível não refazer, internamente, as relações com o percurso do espetáculo anterior.

Maiakovski escreveu sua peça em 1918, para comemorar o primeiro ano da revolução socialista, na Rússia. A organização espaço-temporal do texto, à maneira dos mistérios medievais, sugere uma estrutura épica, com painéis satíricos e alegóricos que desconstroem as narrativas bíblicas. Após o dilúvio que destruiu o velho mundo – leia-se a Primeira Guerra Mundial – os Impuros (trabalhadores de diversas profissões) constroem uma barca, na qual se refugiam junto ao grupo dos Puros, representantes burgueses de várias nacionalidades. Ao longo da viagem, encena-se a luta de classes, com os trabalhadores assumindo a direção da barca e chegando à terra prometida, onde se abre a perspectiva de um mundo novo, movido pelo “labor amoroso”: “Panifiquem-se, campos! Fumeguem fábricas! Seja gloriosa! Resplandeça una/ solar nossa/ Comuna!”. (MAIAKOVSKI, 2001: 269).

A encenação de *Mistério-Bufo*, no Oi Futuro, procurou se desprender do sentido teleológico da revolução socialista, presente no texto original, para enfatizar a experiência do próprio caminho, na aventura humana. Fábio Ferreira e Cláudio Baltar propõem itinerário diferente daquele de Ivan Sugahara, utilizando passagens internas restritas e a fachada externa do prédio para acrobacias aéreas, levando o público a dar a volta no edifício, numa passarela construída na parede da Rua Dois de dezembro, em direção ao galpão do Instituto dos Arquitetos do Brasil. Neste espaço, cenas de grande impacto visual conjugam performances corporais e ações coletivas, na montagem do dispositivo cenográfico que representa a barca revolucionária. Retornando ao Oi Futuro, o cortejo culmina numa sala branca e asséptica, montada no teatro (uma cena da peça *Os banhos*, de Maiakovski). Neste espaço, o próprio poeta russo é resgatado ao presente, por uma máquina do tempo, constatando a falência das utopias. Como explica Cláudio Baltar, em *Os banhos*, o autor imagina o mundo cem anos à frente: “o mundo se tornando cada vez mais tecnológico, frio e individualizado, o mercado impondo as regras, supervalorizando o presente, criando uma aparente estratégia de bem estar, onde tudo se consome e se descarta”.

É neste enunciado que os dois espetáculos se encontram, na fronteira entre a utopia política (sem partidarismos) de construção de um mundo melhor, “exaltando o indivíduo como força motriz de atuação e transformação coletiva”, como queria Maiakovski, e a perspectiva atual, crítica e descrente da ideia de futuro revolucionário. A encenação de *Os desequilibrados* procura confrontar esse paradoxo aproximando-se do pensamento sobre a desconstrução do sujeito no mundo contemporâneo, desejando, ao lado de Bergson e Nietzsche, afirmar a potência do humano na força dos acontecimentos vitais.

As vanguardas europeias (dentre as quais se inclui a peça *Mistério-Bufo*) se constituíram enquanto oposição ao aparelho de produção e distribuição da “instituição arte” e como ataque ao estatuto da arte burguesa e ao esteticismo da “arte pela arte”, definindo-se como tentativa de devolver a experiência estética à práxis vital. Esses movimentos

históricos fracassaram, já que, no decorrer do século XX, a indústria cultural legitimaria o relativismo estético, a pluralidade de expressão e a autonomia da “instituição mercado”, como esclarece Peter Bürger, em seu livro *Teoria da vanguarda* (BÜRGER, 1993: 90-91). Apesar disso, não se pode negar que a partir das vanguardas a categoria de criação individual e o conceito de gênio seriam questionados, assim como as considerações normativas tiveram que ceder lugar à investigação científica das obras, à exploração dos meios artísticos disponíveis, tanto do passado quanto do presente.

Na contemporaneidade, os criadores não se colocam mais a necessidade de ruptura com a “instituição arte” e seus subsistemas, pois as relações entre artistas, público e produtores culturais ocorrem num espaço articulado de forças mercantilistas, numa estrutura especializada. Para a ensaísta argentina Beatriz Sarlo, as tomadas de posição ficam restritas à busca de consagração e legitimidade para as próprias obras: “os artistas quando falam de arte, também estão falando de competição; quando parecem mais obcecados pela busca de uma forma, mantêm outro olho ligado no mercado e no público”. (SARLO, 2000: 142/143).

Com essas breves reflexões, o que fica são perguntas sobre as implicâncias dos conteúdos (temáticos e formais) das encenações citadas no âmbito do sistema de arte atual, tendo em vista que a presença física e institucional do Oi Futuro, empresa patrocinadora dos dois espetáculos, se insere na própria estrutura cênica, tornando-se um elemento paradigmático. Da revolução vermelha surrealista de Maiakovski à leitura acrobática patrocinada pelo Oi Futuro.

A particularidade da experiência dos Dezequilibrados estaria, em minha opinião, na utilização desse espaço para abordar criticamente estereótipos modernos, ciente das implicâncias de estar atuando em um edifício que reflete, por sua arquitetura e suportes tecnológicos, a modernidade da própria empresa que patrocina a criação. Assumindo essas contradições na construção da obra artística, a encenação enfrenta questões que envolvem a mitificação do progresso científico e o controle humano pelos meios tecnológicos, conseguindo rir dos fatos e da própria situação e ainda tirar proveito das possibilidades midiáticas e audiovisuais que o espaço oferece.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. Tradução: Ernesto Sampaio. Lisboa: Ed. Vega, 1993.

MAIAKÓVSKI, Vladimir. *Mistério-Bufo: um retrato heróico, épico e satírico da nossa época*. Tradução de Dmitri Beliaev. São Paulo: Musa Editora, 2001.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Tradução: Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000.